

A ONTOLOGIA DA CONSCIÊNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS SOB A ÓTICA DO NATURALISMO BIOLÓGICO

Andre Renan Batistella Noara*

Resumo: O presente estudo tem por objetivo elaborar uma análise referente ao modo com o qual o filósofo americano John Rogers Searle (1932) concebe e define os fenômenos conscientes. Para tanto, será feito uso de duas obras consideradas fundamentais: *A Redescoberta da Mente* (1997) e *O Mistério da Consciência* (1998). A metodologia se dará da seguinte forma: primeiramente será investigado os argumentos em prol da irreducibilidade ontológica. Posteriormente será analisada a definição de consciência em Searle. Por fim será analisado as características da consciência. Acredita-se que o presente estudo trará para o leitor uma interessante compreensão do naturalismo biológico.

Palavras-chave: Mente. Subjetivo. Objetivo. Cérebro. Emergente.

ONTOLOGY OF CONSCIOUSNESS AND ITS CHARACTERISTICS UNDER THE VIEW OF BIOLOGICAL NATURALISM

Abstract: This study aims to elaborate an analysis about the way that the American philosopher John Rogers Searle (1932) understands the idea of consciousness. So, Searle works used for the development of this study are *The Rediscovery of the Mind* (1997) and *The Mystery of Consciousness* (1998). The methodology will be as follows: first will be investigated the arguments for ontological irreducibility. After, will be analyzed Searle's definition of consciousness. In the end, will be analyzed the characteristics of consciousness. It is believed that this study will bring a interesting comprehension about the biological naturalism.

Key-words: Mind. Subjective. objective. Brain. Emerging.

1- INTRODUÇÃO

Todos nós, muito provavelmente, já montamos um quebra-cabeça quando crianças. No início da montagem de um quebra-cabeça não há, claramente, nenhuma

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó, na linha de pesquisa "Conhecimento, Linguagem e Realidade". Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal Da Fronteira Sul, Campus Erechim (ano de conclusão: 2018). Principais áreas de interesse: Filosofia da Mente, Lógica e Filosofia da Linguagem. Projeto de pesquisa intitulado "Seria o Naturalismo Biológico de J. Searle um Epifenomenalismo?". Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. E-mail: E-mail: andre_noara@hotmail.com.

imagem formada. Contudo, ao colocarmos cada peça no seu devido lugar, aos poucos, uma imagem vai ganhando forma. E assim procederá até o momento em que o quebra-cabeça estiver completamente montado. Quando totalmente montado, uma imagem completa poderá ser visualizada. Assim sendo, é possível afirmarmos que a completude da imagem é o resultado da união de cada uma das peças que compõem o quebra-cabeça, visto que, singularmente, cada uma das peças é insuficiente para formar a totalidade da imagem.

Há certa semelhança no conceito base deste exemplo do quebra-cabeça quando o pensamos em analogia à teoria da consciência de John Searle. A imagem, tal qual a consciência, também é um resultado advindo da organização causal dos elementos que compõem o quebra-cabeça — do nível micro para o nível macro. Não há dúvida de que a complexidade dos casos é incomparável, porém o intuito do exemplo é apenas facilitar o entendimento acerca da base teórica pensada por Searle em sua teoria da consciência. A existência da consciência, tal qual a imagem, é dependente da organização causal dos elementos que compõem o sistema cerebral. Os neurônios, singularmente, não são conscientes, do mesmo modo que as peças, singularmente, não produzem a imagem em sua completude.

Contudo, há uma diferença radical entre a consciência e a imagem do quebra-cabeça: a imagem formada pelo quebra-cabeça pode ser reduzida, ontologicamente, a cada uma de suas partes, mas o fenômeno consciente de ver a imagem formada pelo quebra-cabeça não pode ser reduzido, ontologicamente, a cada um dos elementos que compõe o sistema cerebral. Ou seja, a consciência é irreduzível, ontologicamente, a seus elementos subjacentes — o que não é o caso do quebra-cabeça. No momento em que a consciência emerge, cria-se uma realidade de primeira pessoa, a qual não pode ser reduzida, ontologicamente, ao âmbito de terceira pessoa. Essa realidade é um fenômeno biológico natural irreduzivelmente subjetivo, o qual Searle descreve através de doze características.

O objetivo geral do presente estudo será analisar o modo com o qual John Searle opera e defende, através de seus argumentos, o conceito de irreduzibilidade ontológica da consciência, definindo-a enquanto um fenômeno biológico. Ainda enquanto objetivo deste estudo, investigaremos as doze características da consciência descritas por Searle.

Para tanto, o estudo se dará do seguinte modo: primeiramente, serão analisados a impossibilidade de redução ontológica e os argumentos desenvolvidos por Searle com vista a defender tal irreducibilidade. Em um segundo momento, investigaremos a forma com a qual John Searle define a consciência. A próxima etapa do estudo será analisar, individualmente, as doze características da consciência descritas por Searle e os elementos que definem cada uma dessas características. Passamos nossa análise ao primeiro ponto.

2 - A REDUÇÃO ONTOLÓGICA NÃO SE APLICA À CONSCIÊNCIA

Façamos um experimento: ao pressionarmos com os dentes nossa língua, o que acontece? Searle nos diria que:

Primeiro, e mais importante, há o fato de que você está neste momento tendo determinadas sensações conscientes desagradáveis, e está experimentando essas sensações a partir de seu ponto de vista de primeira pessoa, subjetivo. São essas sensações que são constitutivas de sua presente dor. Mas a dor é também causada por determinados processos neurofisiológicos subjacentes que consistem, em grande parte, de disposições de descargas de neurônios dentro do tálamo e outras regiões de seu cérebro. (SEARLE, 1997, p.169-170).

A partir do exemplo, podemos perceber que dois eventos ocorrem no mesmo instante. Um dos eventos é a sensação de dor correspondente a um estado qualitativo de primeira pessoa, e o outro evento refere-se aos processos cerebrais objetivos de terceira pessoa. Ou seja, ocorrem dois eventos ontologicamente distintos de modo simultâneo.

A categoria na qual esse primeiro evento se enquadra, a saber, aquela na qual correspondem todas as experiências conscientes qualitativas de primeira pessoa, Searle vai denominar enquanto uma ontologia de primeira pessoa. A ontologia de primeira pessoa proposta por Searle é irreduzível às propriedades de terceira pessoa. Ou seja, o fenômeno consciente dor, por exemplo, não pode ser reduzido, ontologicamente, aos processos cerebrais. Esses processos são a causa do fenômeno consciente dor, mas, devido à sua forma de existência, tal fenômeno não se reduz a eles, pois, como observamos no exemplo acima, junto aos processos cerebrais objetivos ocorre uma sensação, neste caso, a sensação desagradável de dor, subjetiva de primeira pessoa, e irreduzível, ontologicamente, aos processos cerebrais.

Esse caráter subjetivo e qualitativo não se reduz, ontologicamente, ao objetivo — processos cerebrais —, pois, ressalta Searle¹¹³, se afirmássemos que a dor é “nada exceto”¹¹⁴ determinados processos cerebrais, estaríamos abandonando as características fundamentais da própria sensação de dor; as qualidades subjetivas da dor. Ou seja, não podemos reduzir, ontologicamente, nossa sensação de dor aos processos cerebrais. Tal sensação, assim como todos os demais eventos subjetivos que fazem parte de nossa vida consciente, corresponde a uma ontologia de primeira pessoa, distinta e irreduzível a uma ontologia de terceira pessoa — nesse caso, os processos cerebrais.

Percebemos, assim, que na perspectiva de Searle a consciência não pode ser reduzida, ontologicamente, aos processos cerebrais, pois as características fundamentais que constituem a consciência — qualidades subjetivas — só ocorrem enquanto consciência. Ou seja, após a emergência da consciência, cria-se uma realidade¹¹⁵ de primeira pessoa qualitativamente subjetiva. Essa realidade subjetiva e qualitativa da consciência não pode ser reduzida, ontologicamente, ao sistema cerebral, pois tal realidade corresponde a uma ontologia cujo modo de ser se restringe, unicamente, à própria consciência. Essa realidade subjetiva e qualitativa constitui a ontologia de primeira pessoa proposta por John Searle.

Para aclarar ainda mais o porquê dessa irreduzibilidade, tendo como intuito frisar a ideia central posta em análise na presente seção, elaboro o seguinte argumento:

¹¹³ “[...] se tentássemos tal redução ontológica, as características essenciais da dor seriam deixadas de lado. Nenhuma descrição dos fatos de terceira pessoa, objetivos, fisiológicos comunicariam o caráter subjetivo, de primeira pessoa, da dor, simplesmente porque as características de primeira pessoa são diferentes das características de terceira pessoa.” (SEARLE, 1997, p.170).

¹¹⁴ Essa afirmação nos forçaria a sustentar uma teoria da identidade — fisicalismo. Contudo, esse não é o intuito de John Searle, visto que, para Searle, a consciência corresponde a uma ontologia de primeira pessoa irreduzível a um âmbito de ontológico de terceira pessoa.

¹¹⁵ Há, em Filosofia da Mente, uma ramificação do materialismo conhecida como materialismo eliminativo. Na concepção do materialismo eliminativo, a mente não constitui uma realidade; a mente é negada pela corrente materialista eliminativista. “Em sua versão mais sofisticada, o materialismo eliminativo argumenta como segue: nossas crenças de senso comum sobre a mente constituem uma espécie de teoria primitiva, uma “psicologia popular”.” (SEARLE, 1997, p. 70) O casal Paul e Patrícia Churchland são reconhecidos defensores dessa perspectiva eliminativista acerca dos fenômenos mentais. Em um de seus trabalhos, publicado pelo *The Journal of Philosophy*, em 1981, intitulado *Eliminative Materialism and Propositional Attitudes*, o casal Churchland visa sustentar sua posição eliminativista, afirmando que a mente é uma *Folk Psychology* (psicologia popular). Contudo, Searle, em um apêndice do segundo capítulo da obra *A Redescoberta da Mente*, desenvolve uma argumentação com vistas a refutar a hipótese levantada pelo casal Churchland. Para Searle, do mesmo modo que a psicologia popular criou conceitos para uma banheira ou para uma partida de futebol, ela também os criou para dores, desejos, amores, e tudo aquilo que faz parte, unicamente, do “conjunto ontológico” que corresponde aos fenômenos mentais. Analogamente ao fato de uma banheira existir sem o conceito de banheira, a mente existe sem o conceito de mente elaborado pela psicologia popular. Logo, a mente não pode ser, simplesmente, eliminada.

P¹__ Todos os estados conscientes constituem-se enquanto características subjetivas de primeira pessoa.

P²__ Nenhuma característica subjetiva de primeira pessoa pode ser reduzida, ontologicamente, às características objetivas de terceira pessoa.

P³__ Todos os processos cerebrais constituem-se enquanto características objetivas de terceira pessoa.

C__ Logo, nenhum estado consciente pode ser reduzido ontologicamente aos processos cerebrais.

Após apresentado os argumentos em favor da irredutibilidade da consciência, voltemos nossa investigação para o modo com o qual John Searle define a consciência.

2.1 - CONSCIÊNCIA ENQUANTO UM FENÔMENO BIOLÓGICO

Os fenômenos conscientes são, para Searle, tanto um fenômeno mental, com características subjetivas e qualitativas, quanto uma parte natural do mundo físico. A consciência, desse modo, é um fenômeno mental qualitativo subjetivo de primeira pessoa e, ao mesmo tempo, um fenômeno físico e objetivo de terceira pessoa. Contudo, como observamos, as características de primeira pessoa não podem ser reduzidas, ontologicamente, às características de terceira pessoa.

A tese acerca da consciência¹¹⁶, proposta por John Searle, requer, fundamentalmente, o abandono dos conceitos tradicionais relacionados aos termos “mental” e “físico”, os quais vinculam-se à um sentido de contraposição. Para Searle, a mente é um fenômeno mental e, ao mesmo tempo, físico. Em busca de uma

¹¹⁶ Faço aqui uma pequena ressalva em relação ao conceito de consciência que, dentro dos estudos de Searle, distingue-se do conceito de autoconsciência: a maior parte dos estados conscientes, como, por exemplo, sentir dor, não implica necessariamente em autoconsciência. A autoconsciência seria o fato de ser consciente de si, “Por exemplo, quando alguém se preocupa com sua tendência de se preocupar demais [...]”. (SEARLE, 1998, p.33) Este seria um exemplo de fenômeno consciente de autoconsciência. O conceito acerca da consciência trabalhado por Searle abrange um campo mais amplo, não se restringindo ao fenômeno consciente de autoconsciência — ser consciente de si. Dentro desta perspectiva, todos os demais seres vivos que possuírem qualquer tipo de fenômeno consciente, como o fenômeno de dor, por exemplo, já se enquadram enquanto animais dotados de consciência. Ou seja, todos os estados conscientes caracterizam-se enquanto consciência.

ressignificação para os termos “mental” e “físico”, Searle propõe uma analogia entre a consciência e a liquidez da água:

A consciência é uma propriedade emergente, ou de nível superior, do cérebro, no sentido absolutamente inócuo de “de nível superior” ou “emergente”, no qual a solidez é uma propriedade emergente de nível superior de moléculas de H₂O quando estas estão em uma estrutura cristalina (gelo), e a liquidez é, de forma semelhante, uma propriedade emergente de nível superior de moléculas de H₂O quando estas estão, falando *grosso modo*, girando em torno uma das outras (água). A consciência é uma propriedade mental, e portanto física, do cérebro, no sentido em que a liquidez é uma propriedade de sistemas de moléculas. (SEARLE, 1997, p.25-26).

Searle visa, a partir dessa analogia, nos colocar a pensar as moléculas de H₂O de modo análogo aos neurônios. Isto é, a consciência, para Searle, é uma propriedade emergente, ou de nível superior¹¹⁷ do cérebro, tal qual a liquidez da água é uma propriedade emergente ou de nível superior das moléculas de H₂O. Entendamos por “propriedade emergente” tudo aquilo cuja explicação pode ser dada a partir do comportamento dos elementos que compõem o sistema¹¹⁸. As características da propriedade emergente são definidas pelo comportamento dos elementos que compõe o sistema. Isto é, a liquidez da água é uma propriedade emergente cuja explicação é dada pelo comportamento das moléculas de H₂O. A liquidez é uma característica que emerge em decorrência do comportamento das moléculas de H₂O. Dependendo do comportamento de tais moléculas, a propriedade emergente pode resultar com características distintas: solidez ou liquidez. Contudo, nenhuma molécula de H₂O pode ser considerada, individualmente, sólida ou líquida. A liquidez ou solidez é, necessariamente, uma característica do sistema como um todo.

De acordo com Searle, da mesma forma que ocorre com a liquidez da água, ocorre também com a consciência. A consciência é defendida por Searle enquanto uma propriedade emergente dos elementos que compõem o sistema cerebral. A consciência se mostra, assim, enquanto uma condição do cérebro; enquanto um resultado necessário da atividade neuronal. Tal qual ocorre com um sistema de moléculas de H₂O, que pode

¹¹⁷ Muitas vezes Searle utiliza também a expressão “de nível macro” no mesmo sentido em que utiliza a expressão “de nível superior”.

¹¹⁸ O comportamento dos elementos do sistema é denominado por Searle enquanto “nível inferior” “nível micro”.

passar de estado líquido para sólido, dependendo do comportamento das moléculas, ocorre também com o sistema cerebral, o qual pode passar de um estado consciente para um estado inconsciente¹¹⁹, dependendo do comportamento dos neurônios. Assim, para Searle, a consciência é uma propriedade emergente tão física quanto qualquer outro fenômeno biológico¹²⁰. A consciência é uma propriedade mental e inteiramente física, emergente do sistema cerebral, tal qual a liquidez da água.

É a partir do abandono dos conceitos tradicionais de mental e físico, na visão de Searle, equivocados¹²¹, que se torna possível o desenvolvimento de uma nova significação para tais termos, e, a partir de então, a possibilidade de uma nova definição para a consciência. Abandonar as tradições clássicas da Filosofia da Mente e redefinir o sentido dos termos “mental” e “físico” é um movimento crucial para o sucesso de Searle em sua proposta acerca da consciência enquanto um fenômeno biológico ontologicamente irreduzível¹²².

Assim sendo, Searle (1997) passa a caracterizar a consciência enquanto uma propriedade mental e, portanto, física¹²³, provinda da organização causal dos neurônios

¹¹⁹ A noção de inconsciente utilizada por Searle não é a mesma noção da qual a psicanálise faz uso. Searle dedica boa parte do capítulo VII da obra *A Redescoberta da Mente* para tratar acerca do inconsciente. De forma breve, poderíamos afirmar que Searle define os estados mentais inconscientes enquanto estados que correspondem a características cerebrais objetivas, características objetivas de terceira pessoa potencialmente capazes de causar pensamentos conscientes subjetivos.

¹²⁰ “Um dos principais objetivos deste livro é tentar remover esse obstáculo, trazer a consciência de volta ao objeto da ciência como um fenômeno biológico semelhante a qualquer outro.” (SEARLE, 1997, p. 127).

¹²¹ Cf. SEARLE, 1997, p.26-27.

¹²² Por tradições clássicas entendamos as duas grandes correntes da Filosofia da Mente, a saber, monismo e dualismo. Monismo e dualismo são duas correntes cujos pressupostos teóricos se contrapõem. Contudo, apesar de manterem posturas contrárias, tanto monistas, quanto dualistas, aceitam a significação tradicional acerca dos termos “mental” e “físico”.

¹²³ Essa afirmação de Searle acerca de uma identidade entre mental e físico aparece claramente na página 26 e também em outras passagens de sua obra *A Redescoberta da Mente*. Há algo bem interessante para pensarmos acerca disso: se Searle afirma que estados mentais são idênticos a estados físicos, como é possível inferir que os mesmos são irreduzíveis ontologicamente aos processos cerebrais? Ou seja, se a mente é idêntica aos processos cerebrais responsáveis pela sua emergência, como é possível operar o conceito de irreduzibilidade ontológica do mental ao físico? Parece que há, aqui, certa lacuna no naturalismo biológico de John Searle. Por mais que concebamos os fenômenos mentais enquanto propriedade emergente dos processos cerebrais, a irreduzibilidade ontológica parece contradizer a inferência de Searle acerca de uma identidade entre mental e físico. Em suas duas primeiras obras, a tratar especificamente do problema da mente, a saber, *O Mistério da Consciência* e *A Redescoberta da Mente*, John Searle não demonstra em momento algum atenção para esta problemática. Contudo, em uma obra posterior, intitulada *Mente: Uma Breve Introdução* (2004), Searle demonstra conhecimento desta lacuna explicativa. Nessa obra, Searle afirma que devemos abandonar o conceito tradicional de identidade, pois, devido ao caráter subjetivo da consciência, tal conceito não se aplica. “De acordo com Searle, no caso dos eventos mentais, não seria possível encontrar critérios claros de identidade, em virtude de uma ambiguidade fundamental: tais eventos possuiriam tanto propriedades neurobiológicas quanto propriedades subjetivas. (PRATA, 2011, p.11) Assim sendo, Searle passa a defender outra forma de

que compõem o sistema cerebral (emergente), e a define enquanto um fenômeno biológico natural. Vejamos uma passagem na qual Searle faz essa afirmação:

Consciência, em resumo, é uma característica biológica de cérebros de seres humanos e determinados animais. É causada por processos neurobiológicos, e é tanto uma parte da ordem biológica natural quanto quaisquer outras características biológicas, como a fotossíntese, a digestão ou a mitose. (SEARLE, 1997, p. 133 grifo do autor).

Percebemos, a partir da citação acima, que, para Searle, a consciência é um fenômeno biológico natural¹²⁴ tanto quanto os demais fenômenos biológicos. A consciência deve ser aceita enquanto um fenômeno biológico genuíno, emergente dos processos cerebrais. Este fenômeno biológico natural apenas distingue-se dos demais fenômenos biológicos naturais pelo simples fato de, necessariamente, ocorrer em primeira pessoa e possuir determinadas qualidades, constituindo-se, assim, enquanto uma ontologia de primeira pessoa. Não é possível encontrar uma ocorrência deste fenômeno biológico que não esteja vinculado ao âmbito de primeira pessoa e desprovido de alguma qualidade. Analogamente, assim como a consciência é uma consequência emergente enquanto condição dos processos cerebrais, o âmbito de primeira pessoa é uma consequência condicionada à própria consciência. A consciência é, necessariamente, subjetiva e qualitativa.

Todos os fenômenos conscientes ocorrem, necessariamente, quando experimentados por alguém — por uma primeira pessoa —, e cada um deles possui determinadas qualidades identificadas por esse alguém. Por exemplo, quando bebemos cerveja, experimentamos um fenômeno consciente cujas qualidades são, para cada um de nós — primeira pessoa —, o fenômeno consciente de beber cerveja. Beber cerveja

identidade entre mente e processos cerebrais: “O caso é um pouco como o exemplo de Jaegwon Kim para a identidade de ocorrências. Toda ocorrência de objeto colorido é idêntica a uma ocorrência de objeto dotado de forma. Não há dúvida de que isso é verdadeiro, mas isso não mostra que ser colorido e ter uma forma são a mesma coisa. Do mesmo modo, podemos ter uma noção de processo neurobiológico grande o suficiente de modo que toda ocorrência de processo de dor é uma ocorrência de processo neurobiológico no cérebro, mas disso não se segue que a sensação dolorosa de primeira pessoa é a mesma coisa que o processo neurobiológico de terceira pessoa” (SEARLE, 2004, apud PRATA, 2011, p.11).

¹²⁴ Este fenômeno biológico natural, como vimos na citação acima, é uma característica de cérebros de seres humanos e determinados animais. Searle usa a expressão “determinados animais” pelo fato de não ser possível afirmar até que ponto a escala filogenética da consciência se estende. Segundo ele, é possível questionar: “As pulgas, por exemplo, são conscientes?” (SEARLE, 1998, p.33). Contudo, ele acrescenta afirmando não ser tão importante nos preocuparmos com essa questão, pois nosso conhecimento acerca da biologia é insuficiente para fornecer com precisão onde o ponto de desligamento se encontra.

possui qualidades radicalmente distintas das qualidades que experimentamos quando, por exemplo, estamos declarando nosso imposto de renda — isto, sem dúvida, se evidencia pela própria experiência de beber cerveja e declarar o imposto de renda. Ou seja, cada fenômeno consciente é, necessariamente, subjetivo, pois precisa ser experimentado por alguém, e qualitativo, pois cada experiência trás consigo certas qualidades. Todo estado de consciência é um estado de consciência de alguém. É necessário existir esse alguém, “essa primeira pessoa”, experimentando os fenômenos conscientes qualitativos de beber cerveja e de declarar o imposto de renda, para existir este estado consciente. Por isso, todo fenômeno consciente é, estritamente, subjetivo e qualitativo.

O termo “consciência”, ressalta Searle¹²⁵, é realmente difícil de ser cientificamente definido. Contudo, Searle (1998, pp. 32-33) nos apresenta uma definição de senso comum razoavelmente satisfatória para o termo “consciência”: a consciência refere-se a todos os estados de sensibilidade e ciência — todos os fenômenos mentais; emoções, sensibilidade, percepção — que iniciam-se quando acordamos de um sono sem sonhos e permanecem até dormirmos novamente ou entrarmos em coma ou morrermos ou ficarmos inconscientes. Todos estes eventos conscientes são qualitativos e ocorrem em primeira pessoa, sendo assim, estritamente subjetivos.

A partir desta definição, é possível percebermos que, na perspectiva de Searle¹²⁶, os sonhos também representam estados de consciência, ainda que distintos quanto ao seu grau de intensidade quando comparados aos estados conscientes que ocorrem nos momentos em que estamos plenamente despertos. Contudo, os graus de intensidade da consciência também podem ocorrer mesmo em estado de vigília; enquanto estamos acordados há estados de intensidade de consciência que variam desde a sonolência até o totalmente desperto. Ou seja, existem graus de consciência¹²⁷.

¹²⁵ Cf. SEARLE, 1998, p.33.

¹²⁶ Cf. SEARLE, 1998, p.33.

¹²⁷ É-nos possível pensar os graus de intensidade de consciência em diversas circunstâncias, além do estado de sonolência e de completa vigília. Existe, por exemplo, uma grande diversidade de tipos de substâncias que visam a provocar alterações na consciência. As bebidas alcoólicas, por exemplo, exercem perfeitamente esta função. Quando, por exemplo, ingerimos certa quantidade de bebida alcoólica, percebemos que nossos sentidos já não estão mais tão aguçados como antes. Ou seja, já não estamos totalmente atentos ao que ocorre em nossa volta. Nesse caso, nossa consciência se encontra em menor intensidade.

Além de a consciência oscilar em graus de intensidade, percebemos que a mesma pode ou não ocorrer; dependendo do comportamento dos elementos que compõem o sistema cerebral, o fenômeno biológico consciência pode ou não existir, isto é, podemos passar de um estado de consciência para um estado de inconsciência ou de inconsciência para consciência. A consciência, desse modo, pode ser entendida enquanto um “interruptor”, ora ligado, ora desligado. Os processos cerebrais são os responsáveis por fazer essa função de ligar e desligar “o interruptor da consciência”. Quando estamos em estado de sono, sem sonhos, por exemplo, a consciência se ausenta, restando apenas o inconsciente. Na perspectiva de Searle¹²⁸, o inconsciente nada mais é do que processos cerebrais objetivos com potencialidade de causar consciência. Isto é, o inconsciente corresponde à possibilidade de emergência de estados conscientes.

Após esta definição geral acerca da consciência, apresentada a partir dos escritos de Searle, investigaremos agora como a mesma se estrutura, elencando cada uma de suas principais características, fundamentadas por Searle no sexto capítulo da obra *A Redescoberta da Mente*.

2.2 - A ESTRUTURA DA CONSCIÊNICA

No sexto capítulo da obra *A Redescoberta da Mente*, Searle elenca doze características estruturais da consciência¹²⁹. Ciente da importância de cada uma destas características por ele fundamentadas, dedicarei esta seção do trabalho para tratar, individualmente, a respeito de cada uma delas. Vamos à primeira.

1. Modalidades finitas

¹²⁸ Searle, no sétimo capítulo de sua obra *A Redescoberta da Mente*, desenvolve um estudo aprofundado a respeito da relação que há entre consciência e inconsciente. Searle, nesse capítulo, fundamenta sua perspectiva em relação à conexão entre os estados mentais inconscientes e a consciência, em que tece algumas críticas à ciência cognitiva — inclusive a Freud.

¹²⁹ Antes de iniciar o estudo acerca da primeira característica, Searle faz uma ressalva: “Dois tópicos são cruciais para a consciência, mas terei pouco a dizer sobre eles porque ainda não os compreendo suficiente bem. O primeiro é a temporalidade. Desde Kant, estamos cientes de uma assimetria no modo como a consciência se relaciona com o espaço e com o tempo. [...] Sabidamente, o tempo fenomenológico não corresponde exatamente ao tempo real, mas não sei como explicar o caráter sistemático das disparidades. O segundo tópico negligenciado é a sociedade. Estou convencido de que a categoria de “outras pessoas” desempenha um papel especial na estrutura de nossas experiências conscientes, um papel diferente daquele de objetos e estados de coisas [...] Mas ainda não sei como demonstrar essas asserções, nem como analisar a estrutura do elemento social na consciência individual.” (SEARLE, 1997, p. 183-184).

O primeiro ponto explorado por Searle é o número de modalidades pelas quais a consciência é manifestada. Segundo ele, a consciência é composta por oito modalidades, das quais cinco são os sentidos que já conhecemos, a saber: visão, tato, olfato, paladar e audição. Além destes cinco sentidos, Searle elenca um sexto sentido, sendo este o “sentido de equilíbrio¹³⁰”. Completando as oito modalidades, temos as sensações corporais e o fluxo de pensamento.

Por sensações corporais, Searle não se refere apenas às sensações físicas que se apresentam para nós enquanto óbvias, como as sensações de dor, por exemplo, mas também ao fato de haver em nós conhecimento sensorial. O conhecimento sensorial é responsável por informar à consciência coisas como: posição dos braços, posição das pernas, possíveis sensibilidades do corpo, entre outros¹³¹. Quanto ao fluxo de pensamento, Searle refere-se não só às palavras e imagens que estão presentes em grande parte de nossos pensamentos, mas também aos pensamentos que ocorrem de modo súbito, “num lampejo”, de tal modo que não se dão através de palavras ou imagens. O fluxo de pensamento inclui também os sentimentos (emoções); em meio ao fluxo de pensamento é possível sentir uma onda repentina de raiva ou alegria, ou, por exemplo, de desejar um copo de suco.

De acordo com Searle, há uma característica que acompanha cada uma das modalidades, a saber, o aspecto de agrado ou desagrado. A maneira com a qual o aspecto de agrado ou desagrado se dá é, geralmente, específica da modalidade. Por exemplo, uma melodia não é agradável do mesmo modo que um pensamento é agradável, mesmo sendo um pensamento relacionado à própria melodia, assim como um

¹³⁰ Searle não chega a desenvolver o conceito por ele pensado acerca do “sentido de equilíbrio”. Contudo, tendo a pensar que tal conceito pode ser entendido a partir de nosso conhecimento de senso comum, no qual o termo “equilíbrio” é entendido enquanto algo em uma posição na qual não sofra oscilações. Poderíamos pensar um exemplo para ilustrar a ideia: imaginemos um equilibrista sobre uma corda bamba. O ponto de equilíbrio do mesmo ocorre no momento em que a corda não sofre oscilações em direção às suas laterais. Ou seja, no momento em que a corda permanece parada, o equilibrista está em posição de equilíbrio. Já no momento em que a corda desenvolve movimentos laterais, o equilibrista está desequilibrado e buscando o ponto de equilíbrio. Relacionando o exemplo com o “sentido de equilíbrio”, poderíamos pensar que, quando nos falta equilíbrio — quando estamos desequilibrados — possuímos um fenômeno qualitativo interno distinto do fenômeno qualitativo de estar em posição de equilíbrio. Ou seja, o equilíbrio ou a ausência de equilíbrio é percebido pela consciência a partir de fenômenos qualitativos distintos, cuja manifestação decorre do “sentido de equilíbrio”, que percebe as possíveis oscilações do corpo.

¹³¹ Um termo presente na obra e que descreve esta modalidade é “propriocepção”. De acordo com o Dicio — Dicionário Online de Português — o termo “propriocepção” é um substantivo feminino que significa sensibilidade própria aos ossos, músculos, tendões e articulações e que fornece informações sobre a estática, o equilíbrio, o deslocamento do corpo no espaço etc.

aroma não é agradável do mesmo modo que uma bela vista é agradável. Ou seja, o aspecto agrado ou desagradado ocorre em todas as modalidades, porém de modo específico a cada uma delas.

Outro ponto interessante destacado por Searle é que, com frequência, mas nem sempre, o aspecto de agrado ou desagradado nas modalidades conscientes vincula-se a uma forma de intencionalidade¹³². A dor, por exemplo, pode ser experimentada desprovida de intencionalidade. No entanto, o desagradado da dor se encontra em meio a uma variável, advinda dos gêneros de intencionalidade associados. Por exemplo, “Se acreditamos que a dor está sendo infligida injustificadamente, esta é mais desagradável do que se acreditamos que esteja sendo infligida, por exemplo, como parte de um tratamento médico necessário.” (SEARLE, 1997, p.186).

Essas são as oito modalidades da consciência apresentadas por Searle. Essas modalidades indicam o modo com o qual a consciência humana é manifestada¹³³. Após essa breve análise em relação à primeira característica da consciência — oito modalidades —, veremos agora a segunda característica da consciência elencada por Searle.

2. Unidade

A característica da unidade refere-se ao fato de os estados conscientes ocorrerem de modo unificado. Para melhor ilustrar a ideia, proponho um pequeno experimento mental: imaginemo-nos estarmos sentados no sofá da sala bebendo cerveja, comendo pipoca e vendo um jogo de futebol no televisor. Tudo ao nosso redor nos afeta de tal modo a criar um campo unificado de consciência: o sabor da cerveja, o som e a imagem da televisão, a pressão de nosso corpo sobre o sofá, a temperatura do ambiente, o aroma

¹³² Na modalidade da visão, por exemplo, Searle acredita que o que torna uma experiência agradável ou desagradável “[...] é a intencionalidade intrínseca às experiências visuais, e não seus aspectos puramente sensoriais.” (SEARLE, 1997, p. 186) Abro aqui um pequeno parêntese para observarmos uma implicação com o campo da estética. A partir desta perspectiva, todas as experiências estéticas ocorrem de modo intrinsecamente intencional. Ou seja, dentro desta perspectiva estética, a concepção de Searle concordaria com a concepção de Kant em relação ao belo, pois, na perspectiva kantiana, o belo é um juízo de gosto inferido pelo observador e não algo intrínseco do objeto; “[...] a um a cor violeta é suave e amena, a outro morta e fenecida”. (KANT, 2002, p.57).

¹³³ Searle ressalta que a consciência humana é manifesta através dessas modalidades devido ao modo com o qual ocorreu a evolução humana. Segundo ele, “[...] não há nenhuma razão pela qual a consciência deveria restringir-se a essas formas [...] Há bons indícios de que algumas outras espécies tenham outras modalidades sensoriais”. (SEARLE, 1997, p.184).

da pipoca, a sensação de equilíbrio, o fluxo de pensamento decorrente do jogo de futebol — as emoções ao acompanhar a partida —, as demais sensações corporais, o fato de sabermos que a janela está aberta e que estamos em um domingo a tarde vestindo, por acaso, uma camiseta colorida e meias listradas. Tudo faz parte de um grande campo unificado de consciência. As modalidades que compõem a consciência, observadas anteriormente, se manifestam neste campo unificado de consciência. Ou seja, não podemos ter, exatamente, a experiência de, por exemplo, beber cerveja ou comer pipoca. Beber cerveja ou comer pipoca é apenas parte do grande campo unificado de consciência que se compõe pelas modalidades de consciência de determinado momento.

Ainda em relação à unidade dos estados conscientes, Searle a divide em duas dimensões: unidade horizontal e unidade vertical. A unidade horizontal refere-se à organização das experiências conscientes em curto prazo. O exemplo pensado por Searle, tendo como intuito esclarecer o conceito, refere-se ao ato de proferir ou pensar uma sentença: quando proferimos ou pensamos uma sentença, mesmo que longa, a parte inicial da mesma, apesar de não estar mais sendo proferida ou pensada, ainda é objeto de nosso conhecimento. Isso constitui a unidade horizontal da consciência e é de grande importância para o campo consciente unificado, pois é a partir dessa unidade que as experiências são organizadas. Já a unidade vertical refere-se ao fato de estarmos conscientes, de modo simultâneo, de todas as características de qualquer estado consciente¹³⁴. Na perspectiva de Searle, essas duas unidades são características fundamentais para a compreensão do sentido de nossas experiências¹³⁵.

Após compreendido o conceito acerca da característica unidade e suas duas dimensões, veremos agora a terceira característica elencada por Searle, sendo esta, a característica da intencionalidade.

3. Intencionalidade

¹³⁴ “Temos pouca compreensão de como o cérebro leva a cabo essa unidade. Em neurofisiologia, ela é denominada “o problema da junção”, e Kant denominou o mesmo fenômeno “a unidade transcendental de apercepção”.” (SEARLE, 1997, p.188).

¹³⁵ Segundo Searle, “Isto é ilustrado pelas várias formas de patologia, tais como os fenômenos de cérebro fragmentado (Gazzaniga,1970) e a síndrome de Korsakov (Sacks,1985)”. (SEARLE, 1997, p.188).

A característica intencionalidade está presente na maior parte dos estados conscientes. Os estados conscientes, em sua maioria, são intencionais¹³⁶. Ou seja, grande parte dos estados conscientes é dirigido a algo, mesmo que esse algo exista apenas enquanto conteúdo mental. O fato de nos dirigirmos a algo demonstra o caráter intencional do fenômeno consciente. Contudo, na minoria das vezes, pode haver casos em que os estados conscientes são desprovidos de intencionalidade. Poderíamos pensar, por exemplo, nos estados conscientes em que nos encontramos fortemente deprimidos ou em estado de êxtase, sem saber o motivo pelo qual nos encontramos de tal modo. Este seria um exemplo de estado consciente não intencional, um estado não intencionado por algo em particular. Contudo, os pensamentos em geral são sempre direcionados a algo, sendo, deste modo, intencional.

Um ponto ressaltado por Searle, em relação aos estados intencionais, é que todos eles se dão dentro de uma forma aspectual. Descrevo um dos exemplos oferecido por Searle para ilustrar o conceito de forma aspectual: segundo ele¹³⁷, a crença de que a Torre Eiffel está em Paris representa condições de satisfação, em relação à forma aspectual, distintas da crença de que a estrutura de ferro mais alta construída na França antes de 1900 localiza-se na capital francesa, por mais que admitamos que a referência de ambos os termos, “Torre Eiffel/estrutura de ferro mais alta construída na França antes de 1900” e “Paris/capital francesa”, são idênticos entre si.

Ou seja, as experiências conscientes se dão sempre em perspectiva, a partir de certo ponto de vista. Quando observamos um objeto, por exemplo, o observamos sob determinados aspectos e não sob outros¹³⁸. Ou quando ouvimos um som, ouvimos apenas determinados aspectos dele e de determinada direção. Do mesmo modo que ocorre com as experiências advindas dos sentidos da visão e da audição, ocorre também com as demais experiências sensoriais. Contudo, os objetos de nossas experiências não possuem em si nenhuma perspectiva. Toda perspectiva é decorrente das representações que fazemos dos objetos, e sempre se dão sob uma determinada forma aspectual. No

¹³⁶ O termo “intencionalidade” não possui aqui o sentido que comumente empregamos em nosso cotidiano, a saber, a vinculação entre ação e intenção — ação voluntária —, mas sim ao fato de os estados conscientes estarem dirigidos a algo.

¹³⁷ Cf. SEARLE, 1997, p.223.

¹³⁸ Trago aqui um exemplo para aclarar o conceito: quando olhamos para uma esfera, não conseguimos observar o todo da esfera, mas sim parte dela. Se imaginarmos uma esfera colorida, veremos apenas parte das cores da esfera e não a esfera colorida como um todo. Deste modo, a intenção de observar a esfera se dá sob uma forma aspectual. Observamos a esfera sob determinados aspectos da mesma.

exemplo da Torre Eiffel, a representação consciente do fato de a “estrutura de ferro mais alta construída na França antes de 1900 localizar-se na capital francesa” possui uma forma aspectual diferente da representação consciente do fato de que a “Torre Eiffel está em Paris”. As condições de satisfação das representações conscientes não são as mesmas.

Em resumo, a característica intencionalidade pode ser expressa a partir do seguinte argumento: todo estado intencional ocorre a partir de experiências conscientes. As experiências conscientes se dão, em sua maioria, a partir de uma perspectiva, sob determinado aspecto. Logo, os estados intencionais ocorrem, em sua maioria, a partir de uma perspectiva, possuindo, assim, uma forma aspectual.

Compreendidos os critérios que fundamentam o conceito de intencionalidade e sua relação com a forma aspectual enquanto uma das características da consciência, passamos agora nossa investigação à quarta característica elencada por John Searle.

4. Sensação subjetiva

A sensação subjetiva é uma das mais importantes características da consciência, e é vista por Searle enquanto a característica responsável, mais do que qualquer outra, pelo embaraço filosófico que concerne à consciência. A sensação subjetiva dos estados conscientes corresponde ao aspecto de sentir-se-como¹³⁹. Para compreender, precisamente, determinado estado consciente, é necessário ter a experiência deste determinado estado consciente, é necessário sentir-se-como este estado consciente. Por exemplo, jamais iremos compreender, plenamente, o que é voar feito um pássaro. No

¹³⁹ Cito aqui uma passagem do artigo “What is it like to be a bat?” de Thomas Nagel (1937), em que fica extremamente claro o conceito de subjetividade, a necessidade de sentir-se-como para a compreensão do próprio estado subjetivo: “Afirmo que a essência da crença segundo a qual os morcegos têm experiência é haver algo que é ser como um morcego. Sabemos agora que na sua maioria, os morcegos (os microchiroptera, para ser mais preciso) percebem o mundo exterior sobretudo através de um sonar, ou eco localização, detectando a ressonância dos seus próprios trissos de alta frequência, rápida e sutilmente modulados, a partir de objetos dentro do seu alcance. Os seus cérebros foram feitos para correlacionar os impulsos de saída com os ecos subsequentes, e a informação assim adquirida permite aos morcegos discriminar com precisão a distância, dimensões, forma, movimento, textura, de um modo comparável ao que fazemos com a visão. Mas o sonar dos morcegos, embora seja claramente uma forma de percepção, não é similar no seu funcionamento a qualquer sentido que tenhamos, e não há razão para supor que é subjetivamente semelhante a seja o que for de que possamos ter experiência ou imaginar.” (NAGEL, 1974, p.438 – Tradução nossa) A partir desta passagem, observamos claramente que, seguindo o exemplo, para compreender exatamente a experiência subjetiva de ser um morcego, é preciso ser um morcego. Ou seja, é uma experiência estritamente subjetiva, é necessário sentir-se-como um morcego para compreender com precisão o que é ser um morcego.

entanto podemos especular como seria voar feito um pássaro. Podemos voar de asa-delta, parapente, parapente e outros equipamentos similares que nos possibilitam planar ao ar livre. São possibilidades de nos aproximarmos do sentir-se-como voar feito um pássaro, ou de, pelo menos, imaginarmos como seria voar feito um pássaro. Contudo, o pleno fenômeno consciente de voar feito um pássaro é inalcançável por nós humanos, pois é algo subjetivo e restrito à biologia do pássaro¹⁴⁰.

Entendido os fundamentos que concernem às sensações subjetivas, voltemos nosso estudo para a quinta característica da consciência apresentada por John Searle.

5. A conexão entre consciência e intencionalidade

Nesta característica da consciência, Searle afirma existir uma conexão entre consciência e intencionalidade. Essa conexão refere-se ao fato de, necessariamente, a intencionalidade ocorrer em estados conscientes ou potencialmente conscientes¹⁴¹. Ou seja, a intencionalidade pode se expressar de dois modos: enquanto estados intencionais conscientes e enquanto estados intencionais inconscientes, mas potencialmente conscientes. Os estados intencionais conscientes são dependentes de um estado de consciência. Ou seja, não possuímos nenhum estado intencional consciente quando estamos, por exemplo, em estado de sono — sem sonhos — ou em estado de coma. Contudo, existe a categoria dos estados intencionais inconscientes. Os estados intencionais inconscientes, para existirem, não precisam da consciência em estado de “atividade”, no entanto precisam ser potencialmente conscientes.

Elaboro um exemplo para compreendermos melhor o conceito de estado intencional inconsciente. Pensemos na seguinte crença: “Paris é a capital da França”.

¹⁴⁰ O aspecto *sentir-se-como* de estados conscientes é algo característico da subjetividade. Quando compreendemos que há estados conscientes em pássaros, por exemplo, tentamos extrair o aspecto *sentir-se-como* um pássaro. Onde não acreditamos haver estados conscientes não é possível pensarmos no aspecto *sentir-se-como*: “[...] não posso especular sobre como é *sentir-se-como* uma telha pregada num telhado por anos a fio, porque no sentido em que estamos empregando essa expressão não há absolutamente nada parecido com o *sentir-se* como uma telha, porque telhas não são conscientes. (SEARLE, 1997, p.190).

¹⁴¹ Searle defende, no sétimo capítulo de *A Redescoberta da Mente*, que a intencionalidade não pode ser separada da consciência. Várias tentativas de separação intencionalidade/consciência ocorreram, na filosofia, na ciência cognitiva e na linguística, segundo Searle, “[...] pelo fato de não sabermos explicar a consciência, e de desejarmos ter uma teoria da mente que não seja desacreditada pelo fato de carecer de uma teoria da consciência. A ideia é tratar a intencionalidade “objetivamente”, tratá-la como se as características subjetivas da consciência realmente não tivessem importância para ela.” (SEARLE, 1997, p. 220).

Mesmo em estado de coma, de inconsciência, existe em nós a crença de que “Paris é a capital da França”. Ou seja, a crença “Paris é a capital da França”, mesmo que inconsciente, é potencialmente consciente, pois nada impede de trazermos tal crença, quando conscientes, para a consciência. Este é um exemplo de estado intencional inconsciente. Compreendidas as facetas fundamentais desta característica, passamos agora a investigar a sexta característica elencada por Searle.

6. A estrutura figura-fundo, gestáltica, da experiência consciente

Searle, nesta característica, afirma haver certa familiaridade entre a psicologia da Gestalt¹⁴² e o modo com o qual as experiências perceptivas se apresentam para nós, a saber, enquanto uma imagem contra um pano de fundo. Para compreendermos melhor a ideia central desta característica elencada por Searle, proponho que pensemos no seguinte exemplo: imaginemos um lápis sobre uma folha de papel, estando esta, sobre uma mesa. Ao vermos o lápis, vemo-lo sobre um pano de fundo: a folha de papel. Contudo, a folha de papel também está sob um pano de fundo, sendo este a mesa, e esta, por sua vez, é vista sob outro pano de fundo, o chão, e assim sucessivamente até atingirmos os limites de nosso campo visual. Esse pano de fundo, presente em nossas experiências visuais, de modo semelhante, acredita Searle, está presente também nas experiências conscientes em geral. Ou seja, aquilo tudo em que focarmos nossa atenção estará sempre sob um pano de fundo que não é ele mesmo o centro de nossa atenção. Isto é, todos os estados de consciência nos quais estamos focando nossa atenção se encontram sob um pano de fundo. O pano de fundo, no caso da consciência em geral, corresponde a todo o restante da experiência consciente que não está no centro de nossa atenção¹⁴³.

¹⁴² Gestalt é um termo que tem origem na língua alemã de difícil tradução. Normalmente os termos mais utilizados para tradução são forma e configuração. Porém, a tradução é normalmente evitada, pois não traz com precisão o significado do termo utilizado pela psicologia. “A Gestalt entende que é de suma importância a disposição em que são apresentados à percepção os elementos unitários que compõem o todo. Uma de suas formulações bastante conhecidas é a de que “o todo é diferente da soma das partes”. Ou seja, a percepção que temos de um todo não é o resultado de um processo de simples adição das partes que o compõem.” (BOCK, 2004, p.50-57).

¹⁴³ O exemplo que utilizamos na característica da Unidade — acompanhar a partida de futebol pela televisão comendo pipoca e bebendo cerveja — pode ser pensado aqui para ilustrar a característica figura-fundo. Se acompanhar a partida de futebol, por exemplo, for o centro de nossa atenção, todas as demais partes que compõe esse grande campo unificado de consciência, serão o pano de fundo da experiência de acompanhar a partida de futebol.

Outro ponto levantado por Searle, relacionado à estrutura figura-fundo das experiências conscientes, é que nossas percepções são estruturadas de modo a se organizarem em objetos e características de objetos. Isto é, todo ato de ver ou perceber, por exemplo, é um ato de ver como ou perceber como. Toda consciência de algo é consciência deste algo de tal e tal modo¹⁴⁴.

Assim sendo, podemos perceber que Searle nos apresenta dois aspectos que, apesar de distintos, se relacionam: a estrutura figura-fundo da percepção e da consciência em geral e o modo com o qual organizamos nossas experiências perceptivas — objetos e características de objetos. Compreendidas as facetas fundamentais desta característica, voltemos nossa investigação para a sétima característica.

7. O aspecto da familiaridade

O aspecto da familiaridade, a meu ver, é a característica mais complexa da consciência, fundamentada por Searle. Esta característica envolve algumas das outras características já por nós investigadas. Desse modo, opto por trazer ao texto uma passagem da obra de Searle que, apesar de longa, expressa de modo sistemático os fundamentos desta característica. Nas palavras de Searle:

O argumento, em poucas palavras, é: todo ato de percepção é perceber como e, de modo mais geral, toda consciência *de* é consciência *como*. Para ser consciente de algo, você tem que ser consciente dele como algo (novamente, salvo patologia etc.), mas perceber como, e outras formas de consciência como, requerem categorias. Contudo, as categorias preexistentes implicam familiaridade anterior com as categorias, e disso decorre que as percepções estão sob o aspecto do familiar. *Portanto, essas categorias são coerentes entre si: estruturalidade, percepção como, a forma aspectual de toda intencionalidade, categorias e o aspecto da familiaridade. Experiências conscientes apresentam-se a nós como estruturadas, essas estruturas permitem-nos perceber coisas sob aspectos, mas esses aspectos estão sujeito ao domínio, por nossa parte, de um conjunto de categorias, e essas categorias, sendo familiares, permitem-nos, em graus variados, assimilar nossas experiências, por mais originais que sejam, ao familiar.* (SEARLE, 1997, p. 196, grifo do autor).

¹⁴⁴ Essa asserção aparecerá de modo mais claro e exemplificado no estudo da próxima característica.

A partir da passagem acima, podemos perceber que a característica do aspecto da familiaridade se faz presente em todas as nossas percepções — exceto, em casos patológicos, como afirma Searle. Como vimos na característica anterior — sexta característica — nossas percepções se organizam em objetos e características de objetos, de modo estruturado. A possibilidade de organização e estruturação, em sua maior parte, só se dá devido ao fato de possuímos o aspecto da familiaridade enquanto uma das características da consciência. Organizamos os objetos e suas características de modo a categorizarmos sob o aspecto da familiaridade. É importante destacarmos aqui, para compreendermos corretamente o raciocínio, que, na passagem acima, Searle está utilizando o termo “categorias” para fazer referência a dois âmbitos distintos: um deles diz respeito à organização de objetos e características de objetos em categorias de objetos e características de objetos, e o outro refere-se a categorias da consciência — estruturalidade, percepção como, a forma aspectual de toda intencionalidade, categorias e o aspecto da familiaridade. Ou seja, categorias faz parte das categorias da consciência.

Como vimos anteriormente — terceira característica —, todo fenômeno consciente de algo, é um fenômeno consciente deste algo de tal e tal modo; suas características se apresentam para a consciência de determinada maneira, a partir de determinado ponto de vista, sob certa perspectiva, sob certo aspecto. Todo fenômeno consciente de ver ou perceber, por exemplo, é um fenômeno consciente de ver como ou perceber como. Esses fenômenos conscientes de ver como e perceber como são organizados em certas categorias. Para melhor ilustrar a ideia proponho um exemplo: imaginemos que viajássemos para outro país, o Japão, por exemplo. Lá iremos nos deparar com vários objetos de experiência: carros, casas, lixeiras, ruas, calçadas, entre outros. Apesar de serem objetos de experiência com características diferentes dos objetos presentes em nosso cotidiano, iremos, ainda assim, perceber o aspecto da familiaridade¹⁴⁵ em tais objetos. Iremos, de imediato, categorizá-los de acordo com o

¹⁴⁵ O aspecto da familiaridade ainda pode se apresentar em graus variados, enquanto um fenômeno escalar. “No topo da escala da familiaridade estão os objetos, cenas, pessoas e visão de minha vida cotidiana, ordinária. Mais abaixo estão as cenas estranhas nas quais objetos e pessoas são, não obstante, facilmente reconhecíveis e categorizáveis por mim. Ainda mais abaixo estão cenas em que encontro pouco que seja reconhecível e categorizável. Estas são as cenas retratadas por pintores surrealistas.” (SEARLE, 1997, pp.194-195) Searle ainda conclui afirmando que caso houvesse uma circunstância em que o aspecto da familiaridade não estivesse presente em nenhuma escala, seria um caso patológico ao extremo.

aspecto de familiaridade ali presente: carro enquanto carro, lixeira enquanto lixeira e assim por diante.

Desse modo, percebemos que as experiências conscientes acerca dos objetos japoneses irão se apresentar para nós como já estruturadas, decorrentes da familiaridade em relação à estruturalidade, percepção como, forma aspectual de toda intencionalidade, categorias e o aspecto da familiaridade presente nos objetos japoneses. É por este motivo que Searle conclui que as categorias da estruturalidade, percepção como, forma aspectual de toda intencionalidade, categorias e o aspecto da familiaridade são coerentes entre si. Compreendidos os conceitos dessa característica da consciência, vamos à próxima.

8. Transbordamento

A característica da consciência, cujo termo utilizado por Searle é “transbordamento”, diz respeito ao fato de os estados conscientes fazerem referência a mais do que aquilo que se apresenta enquanto conteúdo imediato. Ou seja, o conteúdo imediato tende a extravasar, de modo a associar-se a outros pensamentos que, de certa forma, eram parte do conteúdo imediatamente nos dado, mas que, de outra forma, não eram. Para ilustrar a ideia presente aqui, apresento um dos exemplos oferecidos por Searle¹⁴⁶: Searle afirma que ao olhar pela sua janela é possível observar árvores e um lago. Caso alguém o questionasse a respeito do que vê, Searle afirma que sua resposta teria uma extensibilidade ilimitada. Ele poderia afirmar que não vê as árvores apenas como árvores, mas sim enquanto pinheiros, pinheiros semelhantes aos pinheiros da Califórnia, porém diferentes em certos aspectos, e semelhantes em outros e assim por diante. Isto é, a característica transbordamento traz como ideia central o fato de que os estados conscientes não se restringem aos conteúdos percebidos de imediato; eles vão além. Compreendido o conceito chave desta característica, passamos nossa investigação à próxima.

9. O centro e a periferia

¹⁴⁶ Cf. SEARLE, 1997, pp.197-198.

Como vimos anteriormente — segunda característica —, os estados conscientes ocorrem de modo unificado. Contudo, em meio a essa unidade, há *o centro e a periferia* da consciência. Searle, nesta característica, quer destacar que o centro de nossa consciência se dá em relação àquilo que, em determinado momento, é o centro de nossa atenção, e que a periferia é tudo o que está fora do centro de nossa atenção. Pensemos no seguinte exemplo: neste momento estou digitando estas palavras que você, nesse momento posterior, está lendo. Minha atenção, agora, está voltada para a explanação dos conceitos filosóficos que estou investigando. Ou seja, o centro de meu estado consciente, neste momento, é o entendimento e a explanação de determinados conceitos. Porém, neste mesmo momento, estou consciente, mesmo que de modo desatento, de outros fenômenos que fazem parte de minha sensibilidade consciente: o encosto de minhas costas sobre a cadeira; as roupas sobre meu corpo; os sapatos calçados em meus pés; o relógio preso em meu pulso; entre outros. Tudo isso também faz parte de meu atual campo de consciência, porém enquanto fenômenos periféricos.

Um ponto crucial ressaltado por Searle, e que devemos compreender aqui, é que precisamos explicitar a distinção contida entre os conceitos “centro-periferia da atenção” dos “estados de consciência-inconsciência”. Do fato de minha atenção não estar voltada para o relógio que está em meu pulso, não decorre que eu não esteja consciente acerca dele. Isto é, periféricamente estou consciente de que estou usando um relógio, do mesmo modo que estou consciente de estar vestido e sentado em uma cadeira. Contudo, o nível de consciência acerca desses fenômenos periféricos não se iguala ao nível de consciência dos fenômenos presentes no centro de minha atenção. Porém, se neste momento eu viesse a cair da cadeira ou o relógio se desprendesse de meu pulso, o centro de minha consciência se voltaria para esses fenômenos, e aquilo que, até então, era o centro de minha atenção — o entendimento e a explanação dos conceitos — agora retirar-se-ia para o campo periférico de minha consciência. Ou seja, eu não estava inconsciente para o fato de estar sentado, vestido, calçando sapatos e usando relógio, estes fenômenos conscientes apenas não estavam no centro de minha atenção¹⁴⁷. Em outras palavras: estamos conscientes de todos os fenômenos que fazem parte da unidade dos estados de consciência¹⁴⁸, seja de modo central ou periférico¹⁴⁹.

¹⁴⁷ Para melhor ilustrar a ideia, cito aqui um dos exemplos oferecidos por Searle: “O carpinteiro, enquanto crava os pregos, pode estar pensando em sua namorada ou no almoço, e não concentrando toda sua atenção no ato de martelar. Ainda assim, porém, é totalmente errado insinuar que esteja inconsciente do

10. Condições de limites

Nesta característica, Searle sustenta a ideia de que os estados conscientes são caracteristicamente localizados. Isto é, o dia do mês, a época do ano, o país que sou cidadão, meu nome, meu passado, a hora do dia, o lugar onde estou, entre outros, tudo isso faz parte da localização espaço-temporal-sócio-biológica de meus estados conscientes. Contudo, a localização em si não é, de modo necessário, objeto da consciência, nem enquanto fenômeno consciente periférico¹⁵⁰. Dito de outra maneira: a localização espaço-temporal-sócio-biológica está presente nos fenômenos conscientes, mas pode não ser ela mesma objeto da consciência. Compreendido esta asserção, vamos à próxima característica.

11. Humor

O humor, na visão de Searle (1997), é uma característica que perpassa todos os estados conscientes. Contudo, apesar de o humor fazer parte dos estados de consciência, o mesmo não é, necessariamente, intencional. Podemos nos encontrar em estado eufórico ou deprimido sem, necessariamente, estarmos conscientemente voltados para alguma satisfação intencional. O humor, mais precisamente, fornece a “cor” ou “tonalidade” que caracteriza determinado estado consciente ou determinada sequência de estados conscientes. Seguindo o exemplo de Searle¹⁵¹, para um homem que se encontra em estado de humor eufórico, a visão da árvore, da paisagem e do céu é uma fonte de grande alegria. Já para um homem cujo humor encontra-se deprimido, essa mesma visão produz ainda mais depressão.

ato de martelar. A não ser que seja um completo zumbi ou uma máquina inconsciente, ele está inteiramente consciente de sua ação de martelar, embora isto não seja o centro de sua atenção.” (SEARLE, 1997, p.199-200).

¹⁴⁸ Cf. *supra*, segunda característica.

¹⁴⁹ Muitas vezes, em nossa linguagem coloquial, ouvimos ou falamos que determinada ação ocorreu de modo inconsciente. Se considerarmos a característica fundamentada por Searle, o centro e a periferia da consciência, falar que alguém agiu inconscientemente é um grande equívoco.

¹⁵⁰ “Uma forma de observar a difusibilidade do limite da consciência é em casos de sua interrupção. Há, por exemplo, um sentimento de desorientação que toma conta de nós quando subitamente somos incapazes de recordar em que mês estamos, ou onde estamos, ou qual é a hora do dia.” (SEARLE, 1997, p.201).

¹⁵¹ Cf. SEARLE, 1997, p.202.

Contudo, o humor nem sempre aparece em sua totalidade. A euforia ou depressão representa, de certo modo, os dois extremos dessa totalidade. Sabemos “na prática” que nosso humor pode oscilar, gradativamente, de um extremo ao outro. Porém a presença de alguma “tonalidade” de humor, seja “para cima” ou “para baixo”, permeia todos os nossos estados conscientes¹⁵²; o humor faz parte de nossa vida consciente. Compreendidas as facetas fundamentais da característica humor, vamos à última característica elencada por Searle.

12. A dimensão prazer-desprazer

A dimensão prazer/desprazer, juntamente com a característica humor, é observada por Searle enquanto uma característica que permeia todos os nossos estados conscientes. De acordo com Searle¹⁵³, sempre podemos questionar ou sermos questionados se algo foi divertido ou entediante, se estávamos felizes ou tristes, irritados ou encantados, incomodados, entretidos, entusiasmados, entre outros. Ou seja, a dimensão prazer-desprazer acompanha nossa vida consciente o tempo todo, e, do mesmo modo que a característica humor, a dimensão prazer-desprazer possui muitas subdimensões, podendo assim, se fazer presente em maior ou menor grau.

Esta foi a última característica elencada por Searle ao descrever a estrutura da consciência¹⁵⁴. Havendo-nos a compreensão dos fundamentos das doze características

¹⁵² “Quando nosso estado de espírito normal é radicalmente alterado, quer para cima quer para baixo, quer para a euforia inesperada quer para uma depressão, subitamente nos tornamos cientes do fato de que estamos sempre com algum humor [...]” (SEARLE, 1997, p.202).

¹⁵³ Cf. SEARLE, 1997, p.203.

¹⁵⁴ A partir dessa explanação, nos foi possível perceber os critérios que fundamentam cada uma das doze características descritas por Searle. Chamo a atenção aqui para três das características apresentadas: modalidades finitas — primeira característica —; humor — décima primeira característica —; a dimensão prazer-desprazer — décima segunda característica. Entre a característica humor e a característica prazer-desprazer, é possível notarmos certa semelhança, visto que ambas podem oscilar em graus de intensidade. Podemos supor, ainda, que ambas descrevem um fenômeno interno parecido. Na característica modalidades finitas, também nos é possível encontrar elementos semelhantes às características de humor e prazer-desprazer, visto que há, em sua estrutura, as características de agrado-desagrado. Searle não aprofunda sua investigação a ponto de comparar tais características e definir os motivos pelos quais elas se distinguem. Contudo, acredito que podemos, após nossa investigação, fazer algumas asserções: com base em nosso conhecimento prático — o conhecimento acerca de nossos fenômenos conscientes —, poderíamos afirmar que é possível estarmos desenvolvendo uma atividade desagradável com humor elevado. Por exemplo: poderíamos pensar em alguém trocando um dos pneus de seu carro em um dia chuvoso, — o que, creio eu, não é algo agradável — e, ao mesmo tempo, estar em estado eufórico, pelo simples fato de saber que está a caminho da concessionária, onde irá deixar seu carro usado e realizar o sonho de comprar um carro novo. Ou seja, é possível concebermos que há diferenças entre as características humor e agrado-desagrado. Poderíamos afirmar, também, que trocar pneu em um dia

responsáveis pela estruturação da consciência, creio que já possuímos, minimamente, um “mapa geral” do modo como se dão e se estruturam os fenômenos conscientes na filosofia de Searle.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo nos foi possível perceber que Searle define a consciência enquanto um fenômeno biológico natural, constituído por doze características irreduzivelmente subjetivas. Vimos que essa dúzia de características é o que dá forma à consciência e condiciona seu modo de ser ao âmbito de primeira pessoa, implicando, necessariamente, na impossibilidade de operar uma redução ontológica na mesma. Assim sendo, percebemos que a consciência é tida enquanto um fenômeno biológico natural — ou uma propriedade emergente — resultante de uma ontologia objetiva e ontologicamente irreduzível à ontologia objetiva que a precede. Ou seja, vimos que, para Searle, a consciência emerge dos processos cerebrais objetivos, mas, devido a seu caráter subjetivo, não se reduz a eles.

Desse modo, percebemos que, mesmo concebendo o mental enquanto físico, Searle ainda defende uma dualidade ontológica: uma de primeira pessoa, e outra, de terceira pessoa. Essa dualidade ontológica, defendida por Searle, consiste, como vimos, em duas realidades: realidade objetiva — processos cerebrais — e realidade subjetiva — fenômenos conscientes. Assim sendo, estaria Searle aceitando alguma forma de dualismo entre processos mentais e processos cerebrais, visto que a consciência é ontologicamente irreduzível ao cérebro? Tal questão serve de ensejo a nossas futuras pesquisas.

chuvoso não é algo prazeroso. Logo, é possível concluirmos que a característica humor distingue-se, também, da característica prazer-desprazer. Quanto às características agrado-desagrado e prazer-desprazer, creio que poderíamos afirmar a existência de uma maior proximidade entre ambas, proximidade esta, que não me permite, no momento, encontrar um exemplo suficientemente eficaz para distingui-las.

REFERÊNCIAS:

BOCK, B. M. A. **Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2004. pág.50-57. Disponível em: <<https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/gestalt/gestalt-poligrafo.pdf>>. Acesso em: 23/07/2018.

CHURCHLAND, P. M. Eliminative materialism and the propositional attitudes. *Journal of Philosophy*, 1981, 78: 67-90.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do juízo**. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NAGEL, Thomas. What Is It Like to Be a Bat?. *The Philosophical Review*, Vol. 83, No. 4 (Oct., 1974), pp. 435-450. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/iatl/activities/modules/ugmodules/humananimalstudies/lectures/32/nagel_bat.pdf>. Acesso em: 27/06/2018.

PRATA, T. A. **O caráter dualista da filosofia da mente de John Searle**, *Discusiones Filosóficas*. Ano 15 N° 25, julio – diciembre 2014. pp. 43-62. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/difil/v15n25/v15n25a04.pdf>>. Acesso em: 10/08/2018.

PRATA, T. A. **É INCOERENTE A CONCEPÇÃO DE SEARLE SOBRE A CONSCIÊNCIA?**, *Manuscrito – Rev. Int. Fil., Campinas*, v. 34, n. 2, p. 557-578, jul.-dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8642005>>. Acesso em: 18/10/2018.

SEARLE, R. J. **Mind: a brief introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SEARLE, R. J. **O Mistério da Consciência**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1998.

SEARLE, R. J. **A Redescoberta da Mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.